

Esporte e nação nas décadas de 1930 e 1940

Eliazar João da Silva - UNIVALE

O futebol brasileiro constituiu-se ao longo do século XX, como um dos símbolos da identidade nacional. Esse processo foi caracterizado por um conjunto de aspectos que estimulou tal condição. Ao ser introduzida no país no final do século XIX, a prática futebolística restringia-se a grupos sociais específicos, a saber, uma juventude disposta a absorver tudo aquilo que estivesse relacionado às atividades desenvolvidas na Europa, sobretudo na França e na Inglaterra.¹ Foi o período denominado também de *belle époque*, cujas características ligavam-se a pressupostos de que os jovens, filhos das famílias mais abastadas, buscavam se moldar aos hábitos e comportamentos circunscritos às cidades de Londres e Paris, especialmente.

Na medida em que as décadas avançavam, e, em especial, a partir da década de 1920, o futebol passou a atrair a atenção de diferentes segmentos sociais, despertando o interesse de pobres, ricos, homens, mulheres, negros e brancos. O âmbito social e político do início do século XX, suscitava debates nos quais se discutia a importância da prática dos esportes, fossem eles de qualquer modalidade. A proliferação do discurso eugênico motivava a perspectiva de que o homem do início do século passado, deveria se preparar para o cenário econômico que se desenhava não apenas em âmbito nacional, mas também internacional: corpo forte e sadio, capaz de suportar as tendências contemporâneas daquele período.²

Diante disso, a prática de esportes de modo geral, e do futebol de modo particular, adquiria dimensões até então inesperadas. Houve uma procura jamais observada pela novidade trazida por jovens estudantes que haviam regressado ao país, após um período de estudos na Europa. Algumas das muitas modalidades esportivas propagadas no Brasil

do limiar do século XX, já vinham, desde décadas anteriores, sendo praticadas no continente europeu.

Dentre as diferentes atividades esportivas, o futebol chamou particular atenção pela sua rápida transição de esporte inicialmente destinado às elites, para também às camadas sociais menos privilegiadas economicamente. Na década de 1930, o futebol se tornou uma atividade oficialmente remunerada. A profissionalização deste esporte esteve diretamente associada à sua popularização.³

Ao se tornar legalmente uma profissão, o futebol adquiriu novos contornos, suscitando questões instigantes quanto às novas funções que ele exerceu em meio à sociedade, e, em especial pelo poder público nas décadas de 1930, 1940 e 1950, período no qual, tal esporte foi concebido como um dos elementos da nacionalidade. Na proporção em que o futebol se tornou um fenômeno popular de massa⁴, não havia mais como ignorar sua influência como um dos elementos que fazia parte dos hábitos e das práticas cotidianas do país, em especial da população ambientada nos grandes urbanos.

Tal conjunto de circunstâncias fez com que representantes do governo federal não hesitassem em disso procurar tirar proveito. Eles empenharam-se na aproximação do futebol com a nação (para além das questões meramente esportivas), em ocasião de realização das copas do mundo, sobretudo a partir do campeonato de 1938, disputado na França. O ano da realização desse campeonato coincidiu com o período de instauração do Estado Novo. Neste sentido, a participação da seleção brasileira nesta competição, significou um momento – na perspectiva do governo federal – privilegiado para aguçar o sentimento de “amor à pátria”.

A primeira edição da Copa do Mundo foi disputada no Uruguai em 1930, deixando algumas certezas. Uma delas é a de que as vitórias nos jogos de futebol envolvendo seleções nacionais em torneios internacionais, poderia contribuir para a visibilidade

interna e externa do país vencedor desses torneios, independentemente se o país fosse da Europa ou da América.

As duas copas subsequentes à realizada no Uruguai ocorreram na Europa; respectivamente na Itália, em 1934, e na França, em 1938. Tanto num, como noutro campeonato mundial, o cenário internacional de emergência de experiências de regimes políticos totalitários, influenciou nos rumos que o esporte passaria a trilhar diante dos bons e/ou maus resultados obtidos nos confrontos. Não por acaso, a decisão da FIFA (Federação Internacional de Futebol Associação, instituição encarregada da organização dos eventos futebolísticos) em indicar a Itália como país sede do campeonato mundial em 1934, foi imediatamente bem recebida pelo governo italiano, o qual explorou politicamente este torneio, na perspectiva de ver nele uma oportunidade de propagandear o regime fascista⁵, a exemplo do governo nazista alemão, por ocasião das Olimpíadas de Berlim em 1936.

Constatado o apelo popular pelo futebol, diferentes manifestações sociais e políticas buscavam se aproveitar do fenômeno esportivo observado em âmbito mundial. A proposta política do Estado Novo implantado em 1937, assemelhava-se – do ponto de vista da concepção dos esportes – às perspectivas do governo alemão e italiano. O interesse pelos jogos da seleção nacional adquiria significados que iam além dos gramados. Torcer pelo êxito do futebol brasileiro, simbolizava envolver-se no sucesso da própria nação. Havia o incentivo do governo federal, através também dos órgãos oficiais da imprensa orientados pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), quanto à idéia de que todas as regiões do país deveriam participar da “torcida” pela seleção nacional.

De modo simbólico, o universo do futebol não permitia que houvesse diretamente discriminações de qualquer espécie, tal como ele próprio se caracterizara no momento de sua implantação no país.⁶ Os jogos não se constituiriam apenas como um lazer, mas como algo capaz de tornar as pessoas “mais patrióticas”. Os atletas considerados de

melhor performance na copa do mundo realizada na França em 1938 eram negros. Trata-se de Domingos da Guia e Leônidas da Silva. Tal fato é importante para a idéia de que o futebol poderia contribuir para a possibilidade de ascensão social e econômica dos negros e brancos pobres.⁷

Ao contrário dos momentos iniciais do futebol no Brasil, gradativamente o esporte ia sendo preponderantemente praticado por atletas de modesta condição financeira e pelos negros. É certo que os filhos das famílias mais abastadas também o praticavam, todavia, constituíam um número relativamente mais reduzido. Negros e brancos pobres, visualizavam no futebol uma das poucas oportunidades de ascensão sócio econômica, o que não se aplicava aos outros jogadores de origem diferente deles. Vale lembrar que o período aqui focado, coincidia com a recente abolição da mão de obra escrava. Leônidas da Silva, conhecido como *O Diamante Negro*, e Domingos da Guia, *O Divino*, negros e filhos das famílias mais humildes, representaram este cenário que se desenhava no futebol brasileiro.

Estes atletas tiveram trajetórias pessoais semelhantes. Ambos moravam em subúrbios da capital da República. Provavelmente teriam como destino uma vida mais modesta e de anonimato. O futebol pôde lhes oferecer a fama e a possibilidade de vislumbrarem a prosperidade. Atente-se ao fato de que os dois jogadores não representavam casos isolados.⁸ Inúmeros outros atletas de mesma origem seguiram, relativamente, os mesmos caminhos do *Divino* e do *Diamante Negro*. Diante disso, jovens de diferentes camadas sociais poderiam se sentir “representados” quando atletas como os mencionados atuavam pela seleção brasileira. Isto contribuiria para a unidade no futebol, o que simbolizaria a unidade nacional.

Manifestações populares de apreço a Leônidas da Silva e a Domingos da Guia vinham de toda parte. Leônidas se transformou num requisitado “garoto propaganda” de

diversos estabelecimentos comerciais, dada a sua extrema popularidade. Seu apelido foi sugestivamente exibido em nome de um chocolate: “Diamante Negro”.

A imagem construída em torno não somente da seleção, mas do futebol, e por extensão do esporte brasileiro, foi amplamente discutida durante a vigência do Estado Novo, do qual o Ministro da Educação Gustavo Capanema era integrante. Ele mesmo foi um dos que reorientou o sentido da prática esportiva no país. No final da década de 1930 e na década de 1940, o poder público, através do Departamento de Imprensa e Propaganda e dos órgãos a ele submetidos, buscaram criar e sedimentar alguns valores da cultura brasileira. O esporte esteve contíguo a esta dinâmica. Ele fez parte desse processo da busca de um homem forte, saudável, trabalhador, vencedor, mas acima de tudo patriótico. O esporte deveria estar a serviço da pátria, independentemente das motivações que levaram à condição do futebol ter se popularizado.

A instituição do Departamento de Imprensa e Propaganda, o qual se subordinava diretamente ao Presidente Getúlio Vargas, exerceu papel fundamental na difusão do “consumo” dos elementos culturais do país. Veículos de informação como periódicos e transmissões radiofônicas expressavam suas opiniões, e emitiam as notícias, de forma sempre a enaltecer as medidas do governo federal. O DIP dispunha de vários veículos de comunicação, dentre eles, revistas e jornais. Este órgão oficial teve como um de seus objetivos (entre tantos outros), promover e organizar festas cívicas e populares, das quais os jogos de futebol fizeram parte.

A construção de dois centros esportivos na década de 1940 nos leva à constatação de que o futebol não mais significava apenas um esporte. A edificação do Pacaembu, localizado na cidade de São Paulo, e do Maracanã, construído na então capital federal, são símbolos dessa perspectiva. Estes estádios foram erguidos, contando-se com o financiamento do dinheiro público. O governo federal, bem como veículos da imprensa, motivavam a idéia de que os confrontos futebolísticos como manifestações da cultura

popular, poderiam tornar mais intenso o sentimento do nacionalismo, indicando a tendência das décadas de 1940 e 1950. Nesse período, a perspectiva tornou-se mais consistente através da conquista brasileira do seu primeiro campeonato mundial, realizado na Suécia. De esporte inicialmente praticado por camadas sociais específicas, o futebol foi compreendido como uma das representações da cultura de massa.

No decorrer do século XX, sobretudo após a década de 1950, ocasião em que a seleção brasileira de futebol disputou duas finais de copa do mundo (perdendo a primeira para o Uruguai, em território brasileiro, e conquistando o título em 1958, em território europeu), o futebol alcançava o seu grau de “maturidade”. No plano simbólico, e ao menos no imaginário popular, o Brasil se apresentava mais forte em relação aos países do chamado “mundo desenvolvido”, ainda que de forma momentânea, e do ponto de vista meramente esportivo. Nessa conquista, todas as seleções participantes do campeonato mundial, viram surgir aquele que se tornou o principal futebolista do século passado: Edson Arantes do Nascimento, o “Pelé”. Após sucessivas vitórias da seleção nacional em jogos internacionais, o Brasil passou a ser conhecido como o “país do futebol”. Tal distinção o acompanhou durante a segunda metade do século XX, atingindo o início deste século XXI.

Notas

¹ Sobre esta questão, ver os trabalhos de PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. **Footballmania: uma história do futebol no Rio de Janeiro – 1902/1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. SILVA, Eliazar João da. **Bola na rede – o futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização**. Assis: UNESP/Dissertação de Mestrado, 2000.

² Cf. AZEVEDO, Fernando de. **A poesia do corpo**. Belo Horizonte: Imprensa oficial do Estado de Minas Gerais, 1915. (Tese apresentada ao concurso à vaga de professor da cadeira de ginástica e educação física do ginásio mineiro).

³ Cf. SILVA, Eliazar João da. *Op. Cit.* p. 174-237.

⁴ Sobre os novos elementos da cultura popular de massa nos grandes centros urbanos, ver SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. p. 223-307.

⁵ Cf. MURRAY, Bil. **Uma história do futebol**. São Paulo: Hedra, 2000. p. 95-120.

⁶ Cf. SILVA, Eliazar João da. *Op. Cit.* p. 92-121.

⁷ Cf. FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

⁸ Cf. CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo: Ibrasa, 1990.